



Empatia e diálogo intercultural: possibilidade de enfrentamento da indiferença

Empathy and intercultural dialogue: a possibility
for confronting indifference

*Rafael Henrique da Costa**

PUCPR

Recebido em: 03/05/2026. Aceito em: 29/05/2026.

Resumo: *Este artigo analisa a empatia como categoria central para o enfrentamento da indiferença e para a promoção do diálogo intercultural na sociedade contemporânea, a partir da fenomenologia desenvolvida por Edith Stein. Em um contexto marcado pela globalização acelerada, pela convivência entre múltiplas culturas, religiões e identidades e, simultaneamente, pelo aumento da fragmentação social, a indiferença emerge como um dos principais obstáculos ao reconhecimento da alteridade e à construção de vínculos comunitários significativos. O estudo sustenta que a empatia, longe de ser reduzida a uma mera simpatia afetiva, constitui uma vivência intencional e relacional que possibilita ao sujeito acolher o outro em sua singularidade, sem anulá-lo nem assimilá-lo às próprias categorias de compreensão. Com base no método fenomenológico, o artigo evidencia que a empatia opera como via de acesso à alteridade e como processo formativo da pessoa, integrando as dimensões psíquica, intelectual e espiritual da existência humana. A partir das contribuições de Stein, demonstra-se que o reconhecimento do outro favorece não apenas a compreensão intercultural, mas também o autoconhecimento e a responsabilidade ética, ao revelar a interdependência constitutiva entre identidade pessoal e relação. Nesse sentido, a empatia funda uma ética relacional capaz de sustentar práticas educativas, sociais e religiosas orientadas ao diálogo e à convivência plural. O texto discute*

* Doutorando em Teologia (PUCPR). Mestre em Teologia pela PUCPR (Curitiba, 2022). Especialista em Espiritualidade e Acompanhamento Espiritual pela UNISAL (São Paulo, 2019). Especialização em andamento em Logoterapia e Análise Existencial pela FAMEESP. Especialização em andamento em Teologia Clínica pela FATRI. Membro do Grupo de Pesquisas Teologia, Educação e Direitos Humanos (PUCRS). Membro do Centro de Investigações em Edith Stein (PUCRS).

E-mail: pe.rafael.mps1@gmail.com.





ainda as implicações da empatia para o diálogo intercultural e inter-religioso, destacando seu papel na superação de preconceitos, na leitura das expressões culturais e religiosas e na construção de uma humanidade compartilhada. Por fim, argumenta-se que a empatia, enquanto prática cotidiana e horizonte ético, oferece critérios para enfrentar a indiferença contemporânea e para promover comunidades mais justas, solidárias e abertas à diversidade, contribuindo de modo significativo para o debate filosófico, educativo e social atual.

Palavras-chave: empatia; diálogo intercultural; indiferença; fenomenologia; Edith Stein.

Abstract: *This article examines empathy as a central category for confronting indifference and promoting intercultural dialogue in contemporary society, drawing on the phenomenology developed by Edith Stein. In a context marked by accelerated globalization, the coexistence of multiple cultures, religions, and identities, and, at the same time, by increasing social fragmentation, indifference emerges as one of the main obstacles to the recognition of otherness and to the construction of meaningful communal bonds. The study argues that empathy, far from being reduced to mere affective sympathy, constitutes an intentional and relational experience that enables the subject to welcome the other in his or her uniqueness, without either negating or assimilating the other to one's own categories of understanding. Based on the phenomenological method, the article shows that empathy functions as a path of access to alterity and as a formative process of the person, integrating the psychic, intellectual, and spiritual dimensions of human existence. Drawing on Stein's contributions, it demonstrates that the recognition of the other fosters not only intercultural understanding but also self-knowledge and ethical responsibility, by revealing the constitutive interdependence between personal identity and relationship. In this sense, empathy grounds a relational ethics capable of sustaining educational, social, and religious practices oriented toward dialogue and plural coexistence. The text also discusses the implications of empathy for intercultural and inter-religious dialogue, highlighting its role in overcoming prejudice, in interpreting cultural and religious expressions, and in building a shared humanity. Finally, it argues that empathy, as a daily practice and ethical horizon, offers criteria for confronting contemporary indifference and for fostering more just, supportive, and diversity-oriented communities, thereby making a significant contribution to current philosophical, educational, and social debates.*

Keywords: empathy; intercultural dialogue; indifference; phenomenology; Edith Stein.

Introdução

A sociedade contemporânea vive profundas transformações marcadas pela globalização, pela circulação acelerada de informações e pela crescente convivência entre diferentes culturas, religiões e identidades. Embora esse cenário favoreça múltiplas possibilidades de encontro, também evidencia desafios relacionados à convivência humana, espe-



cialmente diante de fenômenos como a indiferença cultural, que fragiliza vínculos sociais, empobrece a experiência comunitária e dificulta o reconhecimento da alteridade.

Em contextos caracterizados pela diversidade multiétnica, multicultural e multirreligiosa, torna-se necessário refletir sobre fundamentos éticos e pedagógicos capazes de favorecer relações mais inclusivas, respeitadas e solidárias. Nesse horizonte, o pensamento de Edith Stein apresenta importantes contribuições para a compreensão da pessoa humana e de sua capacidade relacional, especialmente por meio de sua fenomenologia da empatia.

Influenciada pela tradição fenomenológica de Edmund Husserl, Stein desenvolve a empatia não apenas como experiência afetiva ou virtude moral, mas como vivência intencional que possibilita ao sujeito reconhecer o outro em sua singularidade, sem reduzi-lo a categorias simplificadoras. Sua reflexão amplia a compreensão das relações humanas ao integrar dimensões psíquicas, intelectuais e espirituais da pessoa, oferecendo elementos relevantes para o enfrentamento da indiferença cultural e para a promoção do diálogo intercultural.

Diante desse contexto, o presente artigo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: de que modo a fenomenologia da empatia desenvolvida por Edith Stein pode contribuir para o enfrentamento da indiferença cultural e para o fortalecimento do interculturalismo na sociedade contemporânea?

O objetivo deste estudo consiste em analisar a fenomenologia da empatia em Edith Stein como fundamento ético-pedagógico para a educação da alteridade e para a construção de relações interculturais mais humanizadoras. Pretende-se demonstrar que a empatia, compreendida como experiência relacional constitutiva da pessoa, favorece simultaneamente o reconhecimento da própria singularidade e a abertura ao outro, promovendo formas mais profundas de convivência e enriquecimento mútuo.

A metodologia adotada consiste em pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e interpretativo, fundamentada na análise da obra de Edith Stein, especialmente em diálogo com a fenomenologia husserliana, articulada a contribuições contemporâneas sobre interculturalidade, ética relacional e educação da alteridade. Busca-se, assim, identificar aproximações teóricas e possibilidades práticas que permitam pensar a



empatia como elemento formativo capaz de fortalecer processos educativos, relações sociais e políticas públicas voltadas à construção de comunidades mais justas e plurais.

Por fim, parte-se da compreensão de que a pessoa humana se encontra em permanente processo formativo e que o reconhecimento da própria identidade não se realiza de maneira isolada, mas na abertura ao encontro com o outro. Nesse sentido, a reflexão steiniana sobre a empatia oferece um importante horizonte teórico para pensar a superação da indiferença cultural e o fortalecimento de uma cultura do diálogo, do reconhecimento mútuo e da convivência intercultural.

1 Edith Stein e a fenomenologia da empatia

Edith Stein (1891–1942) foi filósofa, pedagoga e mística cristã, inserida no contexto intelectual da fenomenologia alemã do início do século XX. Discípula direta de Edmund Husserl, participou ativamente do desenvolvimento do método fenomenológico, especialmente no aprofundamento da noção de empatia (*Einfühlung*), tema central de sua tese doutoral *Zum Problem der Einfühlung*¹ (1917).

De origem judaica, Stein percorreu um itinerário intelectual e existencial marcado pela busca rigorosa da verdade, que culminou em sua conversão ao cristianismo em 1922 e, posteriormente, em sua entrada no Carmelo, onde adotou o nome religioso de Teresa Benedita da Cruz. Sua produção filosófica articula fenomenologia, antropologia e teologia, oferecendo uma compreensão integral da pessoa humana que integra corporeidade, psiquismo, espiritualidade e abertura ao outro. A experiência trágica do totalitarismo nazista, que a levou à morte no campo de Auschwitz, confere à sua reflexão uma densidade ética singular, tornando sua obra particularmente relevante para o pensamento contemporâneo sobre alteridade, dignidade humana, responsabilidade moral e convivência intercultural.

A empatia, na leitura de Edith Stein, emerge como um elemento central da experiência humana que, para além de uma simples projeção afetiva, configura-se como prática epistemológica e ética. Stein herda de Husserl a insistência na intersubjetividade como fundamento da constituição do sentido, mas, ao deslocar o foco da experiência empírica

¹ Sobre o problema da empatia.



para a relação com o Outro, ela desloca também a leitura tradicional da empatia de um movimento meramente receptivo para um processo formativo complexo, que transforma tanto o sujeito que percebe quanto o objeto dessa percepção: o Outro.

Foi com base na fenomenologia, proposta por Husserl, que Edith Stein se colocou como desafio estudar a empatia. Para ela, a experiência de empatia advém de nossa condição existencial de ser no mundo como abertura para o outro. Assim, no mundo em que vivemos, enquanto pessoas em suas singularidades, não se pode reduzir o corpo às determinações físicas ou biológicas. Somos sujeitos viventes, percebidos como indivíduos psicofísicos irreduzíveis às coisas físicas ou aos complexos orgânicos. Há entre os corpos humanos uma troca de experiências recíprocas vividas como empatia (Caminha, 2017, p. 746).

Nesse sentido, a empatia não é apenas um modo de compreensão, mas uma via de acesso à alteridade que preserva, ao mesmo tempo, a dignidade singular de cada sujeito cultural.

Como observamos, para Stein, a empatia é uma vivência intencional, isto é, orientada por um propósito de compreensão que não se limita a uma simpatia afetiva. Trata-se de um movimento de abertura prática para o mundo do Outro, que não reduz a alteridade a um conjunto de traços observáveis. A empatia, assim entendida, envolve uma dupla dimensão: uma dimensão afetiva que, embora importante, não é suficiente por si só; e uma dimensão cognitiva e constitutiva de pessoa, pela qual o eu se reconhece na relação com o Outro como alguém que não é, com uma riqueza de sentido que pode escapar aos enquadramentos preestabelecidos pela própria cultura. Este duplo movimento é importante para a compreensão steiniana da alteridade, pois a alteridade não é meramente um fato social ou uma diferença superficial, mas uma realidade que desafia a percepção estreita e requer uma reconfiguração do sujeito.

A leitura de Stein dialoga de modo direto com a tradição husserliana da intersubjetividade. Para Husserl, o mundo é constituído na experiência de múltiplos sujeitos que partilham um espaço de vida e de significado.

Na realidade, Husserl estava em busca de um método de pesquisa sobre o conhecimento humano para além da lógica e da psicologia, método que ele definiu, exatamente como fenomenológico, consistindo numa análise da atividade cognitiva e, em geral, da vida reflexiva e afetiva,



descrevendo-a no seu acontecer, assim como ela se apresenta, sem nenhuma sobreposição de elementos estranhos (Alles Belo, 2018, p. 29).

Stein retoma essa linha e a radicaliza ao sustentar que o Outro não é apenas um complemento da minha experiência, mas uma alteridade que resiste à redução. Nesse movimento, a empatia torna-se o meio pelo qual o sujeito se coloca na posição do Outro sem dissolver a diferença ontológica entre ambos. Conforme Stein, “o mundo no qual eu vivo não é só o mundo de corpos físicos, é também um mundo de Sujeitos alheios, outros a mim, e eu sou o conhecimento desta experiência vivenciada” (2003, p. 70).

A compreensão do Outro é possível apenas quando o eu reconhece que o Outro não se submete às minhas estruturas de sentido, ainda que possa dialogar com elas. A internalização dessa percepção leva a uma forma de conhecimento que não é apenas conhecido, mas também transformador: ao reconhecer o Outro como alteridade, o sujeito aprende a readaptar suas próprias categorias de compreensão, o que favorece uma ética de vigilância frente aos próprios vieses.

A “empatia” não é somente um ato do conhecimento humano. Para chegar a compreender esse “mecanismo” há ter que alcançar antes uma compreensão mais profunda e objetiva do ser humano. A “empatia” lhe demonstra, sem deixar lugar a dúvidas, que o homem é um ser espiritual, transcendente, aberto, chamado a realizar-se no mais profundo de seu ser, porém sem deixar de confrontar-se com o outro (Marquard, 2006, p. 134).

Stein não circunscreve a empatia a uma técnica epistemológica; para ela, a empatia é parte do processo de individuação. A relação com o Outro não é apenas um meio para conhecer o Outro, mas um caminho para conhecer a si mesmo de modo mais autêntico.

Ao perceber o Outro na sua singularidade, o eu se depara com a própria finitude, com suas próprias pressuposições e com a necessidade de abri-las a uma nova configuração de sentido que reconheça a validade da alteridade. Assim, a empatia favorece uma forma de autoconhecimento que não é autocentrada, mas relacional: o sujeito, ao compreender o Outro, é levado a reconhecer em si predisposições, preconceitos e limitações que, se não enfrentadas, ameaçam a capacidade de convivência. Stein explica que,



Todo esse dar-se relacionada com a experiência vivenciada alheia nos enviam a um gênero de atos no qual é possível compreender a própria experiência vivida alheia. Sobre tais atos se baseiam aquele de articular o conhecimento que queremos agora indicar com o termo “empatia” (Einfühlung), abstraindo do sentido que foi atribuído ao termo em todas as tradições históricas (Stein, 2003, p. 71).

A fenomenologia da empatia em Stein está intrinsecamente ligada a uma ética relacional que coloca a dignidade da pessoa no centro da relação. Em vez de uma ética baseada apenas em regras abstratas, a ética de Stein emerge das exigências da relação com o Outro: a responsabilidade que se instala no encontro autêntico implica reconhecer a dignidade inerente de cada indivíduo, independentemente de sua origem cultural, religiosa ou étnica.

Essa ética relacional não é contrária à crítica ou à exigência de justiça; pelo contrário, ela sustenta que o reconhecimento da alteridade é o fundamento de toda prática educativa que visa a convivência entre culturas. Ao traduzir esse conceito para o campo educativo, Stein oferece um modelo de formação que privilegia a escuta atenta, a reflexão crítica sobre preconceitos e a criação de espaços de encontro que promovam a partilha de significados entre diferentes tradições.

A abordagem empática de Stein sugere que a interculturalidade não se reduz a conteúdos de diversidade ou a intercâmbio de informações sobre diferentes culturas. Trata-se, antes, de uma prática formativa que transforma as disposições dos aprendizes: a escuta empática, a curiosidade intelectual e a disposição de questionar os próprios planos de sentido.

Todo o sujeito, em que apreendo empaticamente uma captação de valor, considero-o como uma pessoa cujas vivências se associam a uma unidade de sentido, mas tudo o que da sua estrutura vivencial me possa trazer uma intuição plena, depende da minha própria (Stein, 2003, p. 133).

Isso implica reconhecer a alteridade não como projeção, mas como realidade própria. Nesse sentido, a empatia não dissolve a diferença, mas a torna acessível, configurando-se como fundamento de uma ética relacional.

Ao reconhecer a alteridade, o sujeito não apenas aprende a respeitar o Outro, mas também a perceber que a própria identidade é, em última análise, sempre construída em relação com o Outro.



A educação da alteridade, então, não é apenas um ideal abstrato, mas um compromisso pedagógico – político que busca transformar as estruturas institucionais, favorecendo modalidades de diálogo que reconheçam a diversidade sem dissolver identidades.

2 A empatia e o diálogo intercultural

Diante da realidade de uma sociedade profundamente fragmentada, a empatia apresenta-se como um itinerário privilegiado de autocompreensão da pessoa humana e, simultaneamente, como uma condição fundamental para o conhecimento do mundo e do outro. Trata-se de uma experiência que permite ao sujeito tornar-se mais consciente de si mesmo, ao mesmo tempo em que o habilita a reconhecer a alteridade como dimensão constitutiva da existência.

Segundo Costa (2022, p. 17),

Desse modo, é importante enfatizar a essência sempre dialética entre o Eu e o outro/Outro, por todo o processo de realização da pessoa humana. Edith Stein, enquanto fenomenóloga parte da busca de um método na empatia como meio de compreensão do mundo interior do outro, que se coloca diante do eu com um outro indivíduo, portanto, um outro eu. Contudo, essa via do outrem deve nos levar para dentro de nós como meio de desvendar o nosso próprio eu.

Essa constatação suscita uma questão decisiva: se o outro é percebido como alguém “sem cultura” ou portador de uma cultura inferior, como se pode pensar autenticamente a inculturação e o diálogo intercultural? As culturas são construções históricas em processo contínuo, heranças sociais que desafiam cada geração a discernir entre conservação, crescimento e transformação. Elas não são determinadas biologicamente, mas aprendidas; não estão no sangue, mas na história.

Enquanto projetos históricos de vida, as culturas se constituem em permanente luta contra a morte e contra a desintegração do sentido; por isso, torna-se inadequado falar de “cultura da vida” ou “cultura da morte” como categorias absolutas. Todos os povos e grupos sociais pertencem ao mundo da cultura, que não se identifica com erudição, alfabetização ou formação acadêmica, pois também os analfabetos são sujeitos culturais.

Nesse contexto, impõe-se a pergunta: em que sentido a empatia pode operar como fundamento do diálogo intercultural? Segundo Peretti



(2018, apresentação) “o gesto educativo empático faz crescer cada pessoa em si e a própria comunidade, possibilita o exercício de uma pedagogia humanizadora, onde um pode participar da vivência do outro e dialogar mesmo com as diferenças”.

Por outro lado, podemos analisar que, se a empatia é a vivência que permite acolher a alteridade em uma comunhão de vida, essa comunhão nem sempre se realiza plenamente. Com frequência, a alteridade é apreendida apenas em seu aspecto de não comunicabilidade, dimensão que, se absolutizada, gera estranheza e distância. A tentação de fazer prevalecer a estranheza está sempre presente no ser humano, o que pode levar à falsa conclusão de que a empatia só funciona em contextos culturais homogêneos.

Tal conclusão, porém, decorre de uma confusão recorrente entre empatia (*Einfühlung*) e simpatia (*Sympathie*). A fenomenologia, ao contrário, insiste que a vivência empática é, em si mesma, estruturalmente neutra, ainda que seja frequentemente acompanhada por colorações afetivas que pertencem a outras vivências.

Quando acontece que uma pessoa se põe de frente a outra, como sujeito e objeto, lhe examina e lhe “trata” segundo um plano estabelecido sobre a base do conhecimento adquirido e através dessas ações se orienta, neste caso, ambos convivem numa sociedade. Quando, ao contrário, um sujeito aceita o outro como sujeito e não está na frente dele, mas vive com ele e é determinado por seus movimentos vitais, neste caso os dois sujeitos formam uma comunidade (Stein, 1999, p. 159).

Assim, posso captar que o outro vive uma experiência de alegria e, a partir disso, experimentar prazer, compartilhando seu estado de ânimo; ou, inversamente, posso reagir com inveja ou contrariedade. A apreensão da alegria enquanto tal constitui um dado objetivo da empatia, ainda que, naturalmente, essa apreensão possa ser enganosa, uma vez que se baseia em manifestações exteriores.

Nada no nível empático é absolutamente garantido. Contudo, aceitar acolher autenticamente aquilo que o outro vive implica, em primeiro lugar, o encontro com a vivência ou com o conjunto de vivências que o outro manifesta, as quais devem ser identificadas antes de qualquer reação subjetiva. A empatia, portanto, não é projeção nem fusão emocional, mas um acesso mediado e respeitoso à experiência alheia.



É evidente que a empatia se alimenta também de sinais e manifestações exteriores, o que explica as dificuldades adicionais que surgem ao se tentar ultrapassar os limites de grupos culturalmente homogêneos, dotados de costumes, símbolos e códigos próprios. Ainda que não seja possível alcançar certeza absoluta quanto à autenticidade dos estados de ânimo apreendidos no outro, o próprio risco do engano torna o sujeito mais consciente da diferença entre aquilo que é percebido de modo genuíno e, portanto, passível de apreensão e aquilo que é falsamente atribuído. Tal consciência conduz à referência última a uma humanidade comum.

O pensador Emmanuel Levinas, que ao escrever “Totalidade e Infinito”, diz:

O Rosto de Outrem destrói em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me deixa, a ideia à minha medida e à medida do seu ideatum – a ideia adequada. Não se manifesta por essas qualidades, mas exprime-se. O rosto, contra a ontologia contemporânea, traz uma noção de verdade que não é um desvendar de um Neutro impessoal, mas uma expressão: o ente atravessa todos os invólucros e generalidades do ser, para expor na sua ‘forma’ a totalidade de seu ‘conteúdo’ para eliminar, no fim de contas a distinção de forma e conteúdo (Levinas, 2011, p. 38).

Pode-se objetar que essa referência à humanidade comum é, ela mesma, uma aquisição cultural. De fato, as barreiras que historicamente dividiram e ainda dividem grupos étnicos e sociais, a ponto de negar a comum humanidade do outro, foram e continuam sendo extremamente fortes. Coloca-se então a questão: trata-se realmente de uma incapacidade de reconhecer o outro como humano, ou a estranheza exerce um papel determinante no processo de aceitação, a ponto de transformar grupos humanos em massas conduzidas por reações meramente psíquicas, incapazes de acolher “aquilo que se mostra”, isto é, o pertencimento à mesma dimensão humana?

Para além do preconceito, termo que poderia sintetizar os fatores geradores de separação e contraposição analisados até aqui, impõe-se a pergunta sobre como compreender e interpretar aquilo que o outro manifesta, mesmo em sua estranheza. Como ler suas expressões? Estamos sempre condenados ao engano ou a comunicação recíproca comporta também momentos de autenticidade?

É nesse ponto que se revela o papel decisivo da empatia, entendida como a capacidade de captar as operações que estão na base das



expressões do outro, permitindo retornar às vivências originárias que as geraram. Isso não se limita às interações cotidianas. A fenomenologia ensina que, seguindo o fio condutor da empatia, é possível percorrer intuitivamente os processos vitais que deram origem a diferentes visões de mundo, descrevendo suas estruturas essenciais.

No que se refere à empatia ressalta-se o seu importante papel na compreensão das relações humanas. Edith Stein em suas pesquisas tratou de clarear como acontece o ato de empatia nos seres humanos, tema que já era indicado por outros pensadores, mas, que não fora investigado em caráter de essência. Com efeito, essa preocupação de buscar a essência da empatia, lhe ajudou a entender de forma coerente como se dão as relações humanas. Com efeito, a empatia é um movimento cognitivo que possibilita o conhecimento do Outro, a percepção da sua comum-humanidade que jamais pode ser ferida do ponto de vista ético (Grzibowski; Barea, 2015, p. 45).

A fenomenologia da religião constitui um exemplo paradigmático desse procedimento. A pluralidade das manifestações religiosas, atestada pela história das religiões e pelos contrastes que frequentemente opõem os fiéis de diferentes tradições, parece indicar uma incomunicabilidade radical. Tal percepção tem contribuído, sobretudo em correntes ateias do Ocidente, para reduzir o fenômeno religioso a fatores psicológicos, sociais ou ideológicos, considerados passíveis de eliminação.

Entretanto, trata-se de um conjunto específico de vivências, confiança, devoção, abertura ao Outro, que não se confundem com nenhuma realidade limitada ou particular, a menos que sejam indevidamente absolutizadas. Trata-se, portanto, de experiências de transcendência e de abertura à infinitude da Alteridade, que se manifesta em sua “potência”, e que preenche integralmente o sujeito. A análise fenomenológica do fenômeno religioso permite aprofundar essas vivências e acolher, em seu interior, as diferentes intensidades que fundamentam a diversidade das expressões religiosas empiricamente observáveis.

Portanto, compreendemos a experiência de transcendência como abertura constitutiva do sujeito a uma alteridade que o excede e o interpela. Nesse horizonte, Rudolf Otto afirma que “o sagrado é uma categoria absolutamente *sui generis*” (Otto, 2007, p. 12), indicando que a experiência religiosa não pode ser reduzida a categorias racionais ou empíricas ordinárias. Trata-se, antes, de um encontro com uma realidade qualitativamente distinta, cuja manifestação se dá na forma do numinoso,



o qual “apresenta-se como *mysterium tremendum et fascinans*” (Otto, 2007, p. 40).

Essa ambivalência, entre fascínio e tremor, revela que o sagrado não apenas atrai o sujeito, mas também o desinstala, abrindo-o a uma dimensão de sentido que ultrapassa toda apropriação conceitual. Nesse contexto, a fenomenologia da religião oferece um caminho privilegiado para descrever tais vivências em sua densidade própria, permitindo reconhecer, na diversidade das tradições religiosas, diferentes modos de participação nessa abertura fundamental à transcendência.

Para tais análises, o pressuposto do diálogo intercultural é indispensável, dada a centralidade do fenômeno religioso em toda cultura, inclusive naquelas que aparentemente procuram relegá-lo à marginalidade. As potencialidades do método fenomenológico, enfatizadas nas reflexões contemporâneas, não consistem em elucubrações abstratas distantes da vida concreta, mas em descrições essenciais daquilo que se apresenta na experiência. Não se trata de opor um “dever-ser” ideal ao existente, mas de compreender aquilo que caracteriza o existente em sua realização plena, indicando, a partir daí, orientações normativas.

A empatia, enquanto fenômeno vivido cotidianamente, fundamenta a possibilidade do diálogo e, conseqüentemente, a constituição da vida comunitária em seus diversos níveis. Evidentemente, podem ocorrer disfunções, enganos empáticos e dificuldades de comunicação, que comprometem o diálogo e a convivência autêntica. Contudo, a consciência dessas limitações torna possível um empenho ético mais responsável em favor do bom funcionamento das relações. Nesse sentido, a empatia e o diálogo intercultural configuram-se como instrumentos essenciais de uma vida eticamente orientada.

Alfieri nos ajuda a compreender que,

Edith nos deu a possibilidade de entender que nossa singularidade não pode ser tocada por ninguém; mesmo nas situações mais adversas, podemos ser sempre nós mesmos. Se nos deixamos influenciar pelo ambiente externo, por força da nossa condição social ou por outra razão qualquer, e se vimos a definhar, a responsabilidade por esse esmorecimento não está inteiramente do lado do que está fora de nós (o Estado, a Sociedade, a política); nós também somos responsáveis, pois podemos ceder às investidas externas, desligando-nos de nosso fundamento interior. Deixamos que nossa autoconsciência fique embotada (Alfieri, 2014, p. 74).



Observa-se, assim, que aquilo que a reflexão teórica tende a separar em âmbitos distintos, vida psíquica, intelectual e espiritual, com suas implicações éticas, apresenta-se, na existência concreta, como uma totalidade integrada. Cabe à análise filosófica distinguir tais dimensões, sem perder de vista sua unidade dinâmica no curso da vida humana.

3 A empatia como estratégia de superação da indiferença

A abertura ao outro, o enraizamento em si mesmo e a capacidade de sair de si constituem movimentos interligados no processo formativo da pessoa humana. A apropriação consciente de valores, mediada por um percurso de autoavaliação, sustenta a construção da singularidade pessoal e possibilita o exercício autêntico da liberdade. Quando a pessoa possui consciência de quem é, torna-se capaz de sair de si e habitar o mundo de modo responsável. Nesse sentido, “quando eu falo de mundo, não falo apenas de pessoas, mas também de coisas, de tudo. Ter consciência de si possibilita viver plenamente a liberdade” (Alfieri, 2014, p. 110).

A peculiaridade da pessoa humana, enquanto ser único e irrepetível, exige um trabalho formativo contínuo. Não se trata de conceder à pessoa sua pessoalidade, pois esta já lhe pertence, mas de criar as condições para que ela possa desenvolver-se plenamente ao longo do tempo. Tal desenvolvimento deve alcançar a totalidade da pessoa, não se restringindo à lógica produtivista ou funcional.

A indiferença configura-se como um dos males mais significativos da sociedade contemporânea. Ela fragmenta o ser humano e suas relações, impedindo o reconhecimento do outro em sua riqueza identitária e cultural. A questão da diferença insere-se, portanto, de modo decisivo na análise da empatia como instrumento do diálogo intercultural.

O horizonte futuro revela-se marcado por incertezas. A sociedade multiétnica, multicultural e multirreligiosa registra tensões crescentes, nas quais frequentemente se acentuam as diferenças e os particularismos, em detrimento da solidariedade e do espírito comunitário. Paralelamente, o fenômeno da globalização tende a eliminar identidades por meio de processos de homogeneização e despersonalização, produzindo insegurança, ansiedade, solidão e alienação.

Diante desse cenário, impõem-se questões fundamentais: como superar a indiferença? Como nutrir relações autênticas? Parafraseando



Geiger, pode-se afirmar que “ver as diferenças” significa superar a solidão pela paixão. Essa é a lição fenomenológica fundamental: a empatia constitui o elogio da diferença frente ao escândalo da indiferença.

Como apresenta Ângela Alles Bello:

O ato Einfühlung, entropatia, quer dizer que sinto a existência de outro ser humano, como eu; é, portanto, uma apreensão de semelhança imediata [...]. Todos os seres humanos realizam o mesmo ato quando encontram outros seres humanos. Esse ato se distingue da percepção, da recordação, da imaginação, da fantasia, da intuição, por isso é um ato sui generis (Alles Belo, 2000, p. 63).

Inseridos em uma visão de mundo marcada por fragilidades identitárias, os indivíduos podem encontrar, nos valores da relação interpessoal e do diálogo intercultural, a oportunidade de redescobrir e consolidar suas raízes, sua identidade e, assim, renascer. Uma das pobreza mais profundas do ser humano é a solidão. O desenvolvimento dos povos depende do reconhecimento de que formam uma única família, chamada à verdadeira comunhão, composta por sujeitos que não apenas coexistem, mas se reconhecem reciprocamente.

Nesse contexto, torna-se evidente a ausência de referenciais humanos sólidos e de convicções capazes de sustentar as fragilidades da existência contemporânea. Edith Stein, ao enfrentar essa angústia, evidencia que a constituição da pessoa humana se esclarece a partir do valor da individualidade pessoal, articulado à empatia e à vocação como resposta consciente à vida diante de Deus e da humanidade. A vocação expressa-se como unidade consigo mesmo, com os outros e com Deus.

Como afirma Sberga, “[...] cada ser humano possui uma particularidade que transcende as dimensões corporal, psíquica e espiritual; trata-se de uma marca distintiva, um selo que identifica a peculiaridade da pessoa como ser único e genuíno” (Sberga, 2014, p. 89).

O ser humano necessita do outro para tornar-se plenamente humano, sem, contudo, reduzir-se a um produto meramente social. A pessoa possui uma liberdade intrínseca, ontologicamente garantida, que deve ser preservada contra toda forma de manipulação. Conhecer o outro exige ir além das palavras, pois muitas vezes o silêncio e o movimento interior revelam mais do que o discurso explícito. É nesse espaço que a pessoa se apresenta como verdadeiramente é, livre de papéis e máscaras. Alfieri vai nos lembrar que, “a pessoa humana deve viver de modo harmônico;



[...] conciliar os diferentes aspectos da própria personalidade aquilo de que gosta ou não gosta em si mesma, aceitando-se como é” (Alfieri, 2014, p. 109).

A empatia implica, assim, um movimento de esvaziamento do eu, realizado por meio de um livre acesso à interioridade. Tal atitude constitui uma verdadeira revolução filosófica: esvaziar-se para acolher. Trata-se de um itinerário empático capaz de enfrentar a indiferença e de fundamentar um diálogo cultural autêntico.

Conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidencia a empatia, sob a ótica fenomenológica de Edith Stein, como uma categoria central para o enfrentamento da indiferença e para a promoção do diálogo intercultural em contextos sociais marcados pela diversidade, pela fragmentação e por profundas fraturas relacionais. A empatia, nessa perspectiva, não se reduz a uma forma de simpatia afetiva ou identificação emocional imediata, mas configura-se como uma vivência intencional e relacional, capaz de permitir ao sujeito acolher o outro em sua singularidade, sem anulá-lo nem assimilá-lo às próprias categorias de compreensão. Trata-se, portanto, de uma via privilegiada de acesso à alteridade que, simultaneamente, atua como processo formativo da pessoa, integrando de modo unitário as dimensões psíquica, intelectual e espiritual da existência humana.

Ao articular essa concepção com debates contemporâneos no campo da ética relacional, da educação para a alteridade e das políticas públicas voltadas à convivência plural, o estudo sustenta que o reconhecimento do outro, operado pela experiência empática, fortalece o autoconhecimento e aprofunda a responsabilidade ética do sujeito. Nesse sentido, a empatia revela-se um fundamento antropológico relevante para práticas educativas, sociais e religiosas orientadas à promoção da dignidade humana e da convivência intercultural, especialmente em sociedades marcadas por processos de exclusão, indiferença e polarização.

As implicações dessa abordagem para a educação intercultural e para a prática social são significativas. Práticas pedagógicas que integrem a leitura crítica de textos e narrativas diversas, a participação em experiências interculturais deliberadas, o debate reflexivo sobre



estereótipos e preconceitos, bem como a escuta atenta das expressões culturais emergentes, mostram-se componentes essenciais de uma formação orientada à alteridade. Nessa perspectiva, a empatia funciona como alicerce de uma ética relacional capaz de sustentar a convivência entre culturas, etnias e tradições religiosas distintas, promovendo sujeitos aptos a reconhecer a humanidade comum sem diluir ou homogeneizar identidades.

Além disso, a relação intrínseca entre empatia e responsabilidade ética aponta para caminhos promissores no âmbito das políticas públicas, especialmente aquelas voltadas à criação de espaços de encontro, à mediação de conflitos e à educação para a alteridade. Tais iniciativas podem contribuir para a constituição de comunidades mais justas, solidárias e abertas à diversidade. Todavia, a própria tradição fenomenológica alerta para os limites da empatia: ela não garante uma compreensão isenta de equívocos ou interpretações distorcidas, exigindo, portanto, um exercício permanente de reflexão crítica, validação intersubjetiva e abertura ao diálogo.

Conclui-se, assim, que a empatia, compreendida como prática cotidiana e como horizonte ético-antropológico, oferece critérios consistentes para o enfrentamento da indiferença contemporânea e para a construção de uma humanidade comum fundada no reconhecimento, no respeito e na cooperação diante das diferenças. A partir dessas considerações, abre-se espaço para futuras investigações que aprofundem a aplicação pedagógica, institucional e comunitária dos princípios steinianos, ampliando sua contribuição para a formação de comunidades pluralistas, eticamente responsáveis e culturalmente enriquecidas.

Referências

ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Organização e tradução de Clio Tricarico; prefácio de Juvenal Savian Filho. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BELLO, Angela Ales. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: EDUSC, 2000.

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Empatia e dor: interlocuções entre Edith Stein e Merleau-Ponty. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 29, n. 48, 2017. DOI: 10.7213/1980-5934.29.048.DS03.



COSTA, Rafael Henrique da. *Da fragmentação à integração: a vocação humana à luz dos escritos de Edith Stein*. 2022. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022.

GRZIBOWSKI, Silvestre; BAREA, Rudimar. Empatia e ética na fenomenologia de Edith Stein. *In: Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, v. 1, n. 2, p. 34–46, 2015. DOI: 10.20399/P1982-999X.2015v1n2pp34-46

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. 3. ed. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2011.

MARQUARD, Odo. ¿El manifiesto pluralista? *In: MARQUARD, Odo. Felicidad en la infelicidad*. Buenos Aires: Katz, 2006.

PERETTI, Clélia; DULLIUS, Vera Fátima. *A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein*. Curitiba: Editora Prisma, 2018.

SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, E. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Apresent. A. Ales Bello; Trad. A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999.

STEIN, Edith. *Il problema dell'empatia*. Tradução de Elio Costantini e Erika Schulze Costantini. Roma: Edizioni Studium, 2003.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Petrópolis: Vozes, 2007.